

Os efeitos da psicanálise no tecido da civilização

Entrevista com **Éric Laurent**¹

*Fabiola Ramon*²

Fabiola Ramon: A psicanálise ficou conhecida como um método de tratamento longo e caro. Qual a razão de tal ideia? Em um mundo que demanda respostas rápidas e tratamentos breves, como a psicanálise pode se inscrever como uma possibilidade de tratamento?

Éric Laurent: Ela pode durar o quanto for. A psicanálise é uma maneira de refletir sobre a vida e sobre os impasses da existência, ela vai além de um tratamento. A análise não é cara. Freud recebia o quanto se paga por uma consulta médica, por exemplo. Desde então, existem experiências de aplicação terapêutica da psicanálise em centros gratuitos e com tempo limitado.

Após a Primeira Guerra Mundial, em 1918, Freud participou de um congresso na Hungria, que tinha um regime de esquerda. Ele percebeu que a guerra havia arruinado a Europa e propôs, junto ao meio democrata, a abertura de centros psicanalíticos gratuitos destinados a estudantes que não tinham meios de pagar uma análise. Depois da abertura desse centro de atendimento em Budapeste, outros foram abertos, como em Londres, por exemplo. Em Viena haviam psicanalistas no Partido Socialista, como Fenichel. Eles faziam parte da esquerda freudiana que se interessava pelas formas de se aplicar a psicanálise às pessoas que não tinham meios de arcar com um serviço profissional por longos períodos. Concomitante a isso, houve a disseminação da ideia de que somente a burguesia podia pagar um serviço de medicina todos os dias.

Ainda hoje percebemos esses dois movimentos: tratamentos que se endereçam à classe média - quando se busca um psicanalista em um consultório, é fácil encontrar um - e os centros de atendimento gratuitos, onde as pessoas podem procurar tratamento principalmente nos momentos de instabilidade dos laços sociais.

Estamos em um momento de grande crise financeira, possivelmente a maior após os anos 30. Ela foi precedida por várias outras, como a do emprego, por exemplo. Essas crises dão o caráter de instabilidade e precariedade aos laços sociais. A psicanálise mudou bastante o seu modo de aplicação em consequência das mudanças sociais, econômicas e culturais. Na época de Freud não havia o *Welfare State* (estado de bem-estar social), não havia o reembolso médico dos convênios, não haviam instituições públicas de tratamento. Tudo isso se desenvolveu depois.

Até a Primeira Guerra Mundial, a psicanálise acompanhou essas mudanças a partir da instauração de centros gratuitos e da multiplicação de analistas. Após a Segunda Guerra Mundial iniciou-se o *Welfare State*. Os psicanalistas participaram dessa mudança, foram importantes para a construção da seguridade social, de centros de atendimento e assistência para crianças, etc. A assistência precoce às crianças foi inspirada na abordagem psicanalítica. Os analistas contribuíram muito aplicando a psicanálise, tornando-a útil, em contraposição ao tratamento tradicional, realizado várias vezes por semana.

Dessa forma, é preciso questionar essa ideia de que a psicanálise é um tratamento longo e caro. A psicanálise é uma aventura pessoal, deve ser vista como uma história de amor. As histórias de amor não duram para sempre, mas duram por um tempo. Há pessoas que têm histórias de amor rápidas e múltiplas. Nesse sentido, é também necessário existir um tratamento rápido e múltiplo. Há, em contrapartida, as aventuras mais longas, nas quais o objetivo é mudar o

estado das coisas no interior de si mesmo. Assim é a psicanálise: a cura como aventura pessoal, e também um tratamento.

F. R.: Sabemos que a psicanálise não promete a felicidade e o bem-estar. Ao contrário, a ciência não apenas promete, mas está se aliando às psicoterapias cognitivo-comportamentais para pesquisar e propor modelos comportamentais para atingir o bem-estar. Cada vez mais - tanto na mídia, quanto nas universidades e no cotidiano - as pessoas estão norteando suas vidas orientadas por esse discurso. O fato de a psicanálise estar fora desse discurso não assusta e repele as pessoas, fazendo com que elas não procurem um tratamento analítico? Como a psicanálise se posiciona em relação a isso?

Éric Laurent: Todo mundo quer ser feliz. Essa é uma demanda que se tornou legítima após o Iluminismo, no século XVIII, quando, contrariamente à religião, o próprio pensamento abriu a possibilidade de uma felicidade terrestre e não somente uma salvação eterna. A partir do Iluminismo, o primeiro Estado moderno, a América, incluiu no início de sua constituição a busca da felicidade como um pedido legítimo que um Estado moderno deve poder oferecer aos seus cidadãos. Então, depois do século XVIII, todo mundo busca sua felicidade.

No entanto, o resultado disso não é satisfatório. Após dois séculos de organização do Estado moderno construído em torno do *welfare*, vimos o quanto cada um faz para não obter a sua felicidade, o quanto cada um, em sua vida, encontra um certo número de impasses que regularmente causam impedimentos. Então, conhecemos ao longo desses dois séculos diferentes atitudes para entender por que é que os humanos não encontram a felicidade. Uma dessas variações é "porque eles têm maus hábitos. Então, vamos mudar seus hábitos e comportamentos".

A terapia cognitiva-comportamental não é recente. Ela data de 1950, com Skinner, que explicava que a liberdade é um luxo que a humanidade não pode ter. Pois, se as pessoas fazem o que querem, elas terão maus hábitos. Esta terapia propõe a descrição de uma sociedade humana organizada para mudar o comportamento. Isso aconteceu ao mesmo tempo em que o comunismo, que também queria mudar os comportamentos e proporcionar a felicidade ao homem novo - uma contradição entre essa gestão autoritária das atitudes em nome de que tudo vai bem e a competição com o homem novo, comunista e tirano.

Desde os anos 60, ao contrário, houve uma liberação. Os humanos encontraram uma forma nova de felicidade. Eles rejeitaram a servidão autoritária do tipo comportamental. Atualmente, há o retorno desse autoritarismo que busca mudar as atitudes. É a volta da burocracia sanitária. Em todos os países há o desenvolvimento dos sistemas de saúde. Como bem demonstrou Foucault, eles fazem a gestão das populações: concebem que os cidadãos políticos cederam lugar à população que a burocracia deve gerenciar, e essa população tem maus comportamentos.

Ao mesmo tempo em que temos um desenvolvimento de riqueza, ele é instável, vai do apogeu ao *crack*. No meio dessa instabilidade há um desenvolvimento de riqueza, especialmente no Brasil, que faz parte dos países emergentes. É ele que faz com que as pessoas se tornem adictas a tudo: ao trabalho, às drogas legais ou ilegais, aos psicotrópicos, aos medicamentos, etc. Há uma contradição muito profunda nisso. Você dizia que na época atual as pessoas querem um tratamento curto e compromissos curtos. Afirmo, sobretudo, que o que se quer hoje é "mais": é necessário ir mais rápido, trabalhar mais, ganhar mais, correr mais, ter mais sexo, mais amor, é preciso ter não importa o que, desde que seja mais. Isso é o capitalismo generalizado, todo mundo é empreendedor de si mesmo. Ser

empreendedor de si mesmo e tudo maximizar é um comportamento adicto perigoso.

Por isso a ideia de gestão das populações. Esse é um meio formidável: câmeras de vigilância em todos os lugares, identidade biométrica para cada um. Isso é um sonho formidável para um administrador, uma espécie de "panóptico" é finalmente possível. Com o melhor conhecimento da população, melhor mapeada por estatísticas, podemos a todo momento encontrar e enquadrar as pessoas facilmente em categorias. Esse saber estatístico muda a maneira de fazer política, pois ela se endereça às categorias específicas de gênero, idade, raça, etc. Coloca-se tudo em categorias para melhor gerenciá-las.

F. R.: A consequência dessa política de categorias é a medicalização?

Éric Laurent: Foucault mostrou que a medicina moderna contemporânea trata as populações não mais um por um como a medicina adaptada à burguesia do século XIX. É uma medicina de categorias homogêneas, "baseada em evidências", fundada unicamente nas estatísticas. Nesse modelo, é necessário desconsiderar a particularidade dos casos. O que antes destacava uma escolha íntima, de valor pessoal, aos poucos e cada vez mais foi cedendo lugar à série de comportamentos e de populações que são gerenciadas pela medicina. Por exemplo, o comportamento no trânsito, o modo de conduzir, a maneira de fumar, a forma de amor - com sexo ou não. Trata-se de termos relativos à epidemias, pois são considerados problemas epidemiológicos.

Nessa lógica, por exemplo, o modo de educação na família passa a ser um problema. A violência intrafamiliar permite que o Estado se ocupe das crianças vitimizadas. Propõe-se que elas possam ser recuperadas até a idade de 10 anos, busca-se remediar o defeito supostamente genético que faz com que elas se apresentem como um problema. Os problemas que antes eram deixados para a gestão do sistema

jurídico - problemas tidos como de ordem individual - são agora apropriados pela gestão da população e pela medicalização da existência. Entende-se, então, que todo o problema começa por uma questão epidemiológica: o tabaco, a droga, a violência familiar, etc. Inserem tudo isso numa rubrica, oferecem boas práticas e explicam como deve se comportar. Esta abordagem está cada vez mais presente.

Em relação à depressão, por exemplo. Desde que a medicina declarou que em uma população 25% de pessoas são suscetíveis à depressão, colocou-se um problema de evolucionismo. Como é que a espécie humana pode sobreviver e conservar uma disposição, também fatal, que faz com que 25% das pessoas sejam suscetíveis a ter algo que pode fazê-las ficar deprimidas? Ou bem a categoria é muito grande, ou bem temos um problema.

Verifica-se também o limite desta abordagem que fez surgir epidemias estranhas, por exemplo, na clínica com crianças. Na clínica clássica fazia-se a distinção entre uma certa variedade de psicoses infantis. Atualmente, segundo os dados estatísticos, há o desenvolvimento de uma epidemia de autismo, ou seja, o número de crianças autistas teve um aumento considerável. Pergunta-se se trata-se de uma doença de origem genética, pois os genes das populações não podem mudar. De onde vem esse caráter epidêmico?

A mesma coisa para o distúrbio de atenção e de desenvolvimento, que é o inverso do autismo (déficit). Essa agitação é também epidêmica. Fazemos a mesma pergunta. Se há uma disposição na espécie humana quando temos 25% de crianças suscetíveis a entrar nessa categoria, temos um problema. É por isso que vemos todos os dias nos jornais matérias que falam dessas contradições, que tocam na questão da eficácia dos medicamentos.

O saber científico se revelou uma verdadeira pulsão de morte. Um saber que pode ignorar toda a particularidade seria um saber de pura categoria, um saber de "você deve

entrar nesta categoria", nós vamos tirar de você os comportamentos que não dão certo e você vai, enfim, se enquadrar muito bem na sua categoria. E você será morto subjetivamente. Foi o que Orwell desenhou nesta sociedade que quer, pelo saber, reduzir cada um a uma transparência completa. Há algo aí que pode ser mortífero, mortal, mesmo para a civilização que responde com contragolpes.

E a psicanálise é precisamente muito útil para os sujeitos que vem nos ver. Todos eles tomaram medicamentos, já passaram por terapias comportamentais que lhes quiseram aplicar a tal ou tal momento, ou conhecem pessoas que disseram isso, etc. Eles vêem que tudo isso não funciona. Então, ao mesmo tempo, há menos ilusão nestas promessas de felicidade. As pessoas que vêm nos ver estão decepcionadas com essas promessas irresponsáveis feitas pelos fabricantes de felicidade, pelos vendedores de felicidade, pelo marketing da felicidade. Evidentemente há dificuldades com este novo imperativo - "mais felicidade, você deve ter mais felicidade". E então, quando não se consegue?

F. R.: Em uma entrevista que o senhor deu recentemente, o senhor falou sobre a "democratização da psicanálise" e usou o termo "divã modernizado". Hoje, o sentido de democratização se refere à massificação e o sentido de modernização se refere à "se fazer produto do mercado". Essas posições não são contraditórias em relação à psicanálise?

Éric Laurent: Sim, absolutamente. A massificação é totalmente contraditória em relação à psicanálise, que tenta visar a singularidade. O problema é que há, na própria subjetividade, uma tendência profunda à massificação, no sentido de se fazer massa. Freud destacou no texto "Psicologia das Massas" que as identificações ideais - aquilo que ele chamava "ideal" - vinham reagrupar as coletividades. Freud percebeu que se tratava da política moderna, e não apenas de um mecanismo das massas como a

sociologia da época assinalou. O ideal seria o recurso de organizações de massas estáveis, ou seja, de partidos políticos. Freud publicou no texto de 1920, dez anos antes do surgimento dos grandes partidos, o partido fascista ou o partido comunista stalinista. No momento em que ele escreveu o texto tinha início o fascismo italiano, que não foi construído com o mesmo rigor mortal que o fascismo alemão. Então, para Freud há uma reparação desta função de massificação pelas identificações, o que Lacan chama de significante-mestre. Mas há também uma outra versão descoberta pela psicanálise: não há apenas o significante-mestre, mas há também algo que serve de obstáculo a ele, e isso é que dá a possibilidade de identificações que não são produzidas pela massa, as identificações não-ideais, aquelas que cada um descobre em uma análise. São micro identificações ligadas à história pessoal de cada um, que não se refere a um outro e não se pode coletivizar. São as identificações estranhas, por exemplo, a um animal maltratado, a um parente que guarda um segredo, ou a figuras que estão distantes do ideal da família, das identificações familiares. Há sempre os segredos de família, os personagens estranhos na história da família, e o gozo surpreendente que irá tocar um sujeito. Todas essas identificações permitem desconstruir a identificação ideal.

Nesse sentido, a psicanálise oferece, em uma época de massificação, a possibilidade de cada um descobrir sua micro identificação, que não pode ser satisfeita pelas identificações ideais e nem pelos objetos industrializados, que estão em toda a parte. Com efeito, uma outra versão da massificação não se refere apenas aos ideais, mas também à produção do mercado de objetos feitos em massa. Eles são fruto da publicidade para satisfazer todos os desejos.

A publicidade entende muito bem a abordagem da psicanálise. Para vender um produto é necessário transformá-lo em um objeto de desejo e de sonho. Então,

todos os objetos do mundo são apresentados sempre como um corpo feminino fascinante, como o fetiche das mulheres. Os carros, os relógios e, sobretudo hoje, os objetos eletrônicos são apresentados como objetos que fazem gozar as mulheres. Há uma indústria fantástica que vem dizer: "olhe o corpo desta bonita mulher que goza, você também poderá fazê-la gozar".

Essa oferta, evidentemente, é uma coletivização do desejo que tenta se apresentar como uma macro identificação que permitiria evitar que a micro identificação apareça. Tudo é desejo de. A sedução constante com a palavra que permite o telefone, as fotos, os transportes, etc. Hoje cada um transporta seu mundo no seu Iphone. É um convite, evidentemente, que se propõe para todos, uma amplificação para todos.

E, justamente, a experiência da psicanálise é uma experiência de atravessamento do fetichismo do mercado. É uma possibilidade de descobrir que esse fetiche industrial não porta mais do que falsas promessas de felicidade. Lacan dizia sobre os carros apresentados pela publicidade: "eles são reduzidos a falsas mulheres". Precisamente, a experiência da psicanálise permite descobrir o que pode ser uma verdadeira mulher para cada um, e isto supõe atravessar as identificações ideais e o *prêt-à-porter* do gozo fabricado pelas imagens ideais e pelos objetos industriais.

F. R.: A publicidade se coloca como portadora de um saber sobre o objeto pulsional. A psicanálise não se coloca dessa forma, mas ela pode supor que o sujeito tenha esse saber.

Éric Laurent: É isso, precisamente.

F. R.: Freud e Lacan afirmaram que a psicanálise não é uma terapêutica como as outras, pois a partir da psicanálise pode se produzir um "mais de saber", ou seja, um saber sobre o inconsciente. Atualmente, como podemos diferenciar a psicanálise das outras psicoterapias?

Éric Laurent: Há uma confusão e, ao mesmo tempo, uma clareza, já que a psicanálise é reprovada por sua especificidade. Se diz, "na psicanálise não se fixa um objetivo preciso em um tempo preciso, não se avalia precisamente o que se passou, nem se fixa um programa em doze etapas, não se trata de um *twelve steps program* universal, há na psicanálise qualquer coisa que fica em aberto".

O espaço subjetivo da psicanálise é um espaço aberto, ele não é um espaço fechado. Não é um espaço que *a priori* é limitado nos objetivos que se supõe, no espaço de tempo que se dá. O espaço de aventura que está aberto, essa é a psicanálise pura. Mas há uma dimensão de aplicação terapêutica da psicanálise da qual nós falávamos nas questões anteriores. O que faz com que existam aplicações limitadas no tempo, no seu objetivo, limitados no espaço psíquico no qual vai se aplicar a psicanálise.

A psicanálise não é a psicanálise pura, não convém a todo mundo, nem a todas as estruturas psíquicas. Há sujeitos para quem a abertura seja, talvez, um chamado muito perigoso... há sujeitos para os quais estas propostas de atravessamento de suas identificações possam ser danosas. Há ainda sujeitos para quem isto não interessa. A psicanálise como puro método e proposição de saber não é para todos. Ao contrário, o que é para todos é o encontro com um psicanalista, porque o psicanalista é o que se pode encontrar, não o ideal, mas um psicanalista. Este psicanalista, é preciso que ele seja formado para não propor a experiência, ou seja, o ato psicanalítico em toda a sua extensão.

Lacan chamava o ato psicanalítico de abertura sobre o saber em toda a sua generalidade, sobre o inconsciente. O analista deve saber o que convém a cada sujeito que vai procurá-lo. Em minha experiência clínica, acontece de eu receber algumas pessoas poucas vezes, não mais que isso.

Outras vezes é o suficiente ver a pessoa por um tempo limitado, centrando-se sobre um ponto. É isso que nós aplicamos nos centros de consulta gratuitos, como o CPCT. Nesses centros de tratamento psicanalítico nos quais o atendimento é gratuito, fixa-se uma duração determinada e centra-se sobre um ponto. Esta perspectiva é uma aplicação psicoterapêutica ou terapêutica da psicanálise. No entanto, há uma diferença entre as psicoterapias em geral e a psicanálise, pois, limitando o tempo, limita-se o problema. O que procuramos é um ponto de identificação inconstante. E, neste sentido, é pela particularidade da definição de inconsciente que a psicanálise se distingue das psicoterapias.

F. R.: Como podemos falar sobre o conceito de inconsciente na atualidade? Esse conceito combina com o nosso tempo? Qual a diferença entre o inconsciente freudiano e o nosso (contemporâneo)?

Éric Laurent: "Inconsciente" é a palavra de Freud derivada, digamos, da psicologia pós-kantiana. Uma corrente saída de Kant constituiu-se pouco a pouco na psicologia universitária, uma psicologia de laboratório, para tentar determinar o limite da consciência, o momento em que o sujeito tinha consciência. No centro de sua antropologia Kant havia dito que há a certeza que vinha da rota planetária e a certeza que vinha da via da consciência. Seus alunos procuraram o que há na experiência humana, o que dá acesso à consciência e começaram a distinguir o limite da consciência e a procura do processo inconsciente.

Freud trabalhou no fim do século XIX, quando os primeiros laboratórios experimentais de psicologia já existiam. Há, por exemplo, Fechner e a lei do prazer. Pesquisava-se quando é que uma sensação se tornava perceptiva ou não. Foi aí que Freud começou. Mas, ele trouxe algo inédito para todas estas acepções múltiplas sobre o inconsciente, como a destas sensações que ganham

novas vestimentas por meio de pesquisas que são realizadas no século XXI pelo cognitivismo, que procura saber o que é cognição. O prosseguimento deste tipo de investigação não muda em nada o problema.

O inconsciente freudiano é a surpresa de descobrir que há, sem que ninguém pense, pensamentos que nos atravessam. Quando eu sonho, eu não penso, e, no entanto, meu sonho é constituído de pensamentos que me atravessam, de imagens que se inscrevem no conjunto do sonho com uma força particular. Isso faz com que todo mundo conheça impressões de força, de angústia, de realidade dadas pelos sonhos que nos atravessam. E aí, então, Freud tem um inconsciente particular. Não é o inconsciente de Fechner, não é simplesmente o inconsciente associativo, de palavras que se associam.

Há um tipo de linguagem selvagem, uma linguagem que é, ao mesmo tempo, composta de palavras, de emoções, de pedaços de corpo, composta de experiências as mais profundas que podemos atravessar. É um tipo de linguagem muito diferente daquela que utilizamos na vida corrente. Não é a linguagem informação, não é a linguagem comunicação, é uma linguagem angústia. É *uma outra* linguagem, um *outro* discurso. É por isso que Lacan chamou o inconsciente freudiano de "o discurso do Outro". Há um outro modo de discurso que conserva o discurso, porque isso nos toca de uma maneira particular. Quando se tem sonhos, alucinações, exigências de gozo, isso se impõe, vem de outro lugar e, contudo, nos fala em nosso íntimo. Este *outro discurso*, pode-se assim dizer, ninguém mais pode ignorar no século XXI. Nós somos uma civilização tecida pelas consequências da descoberta que a psicanálise efetuou: a descoberta do *inconsciente-Outro-discurso*.

Num primeiro momento, as artes se apropriaram disso. O surrealismo foi um movimento que tomou esta descoberta como seu objeto. Não somente o surrealismo, mas também Matisse e

Picasso, à sua maneira, testemunharam este atravessamento. Em seguida, tudo isso foi industrializado. A publicidade invadiu nosso mundo e não há um lugar onde nós podemos repousar nosso olhar que não seja ocupado por uma imagem fascinante. O objeto da arte como instalação tornou-se uma cilada para o olhar. A experiência contemporânea da arte não é mais o surrealismo, mas, por exemplo, a instalação realizada no corredor de Versalhes: uma lagosta com cores vivas assemelhando-se a um desenho animado, colocada no meio da arte clássica, é um objeto fascinante que se junta à publicidade, à imagem sedutora.

Ao mesmo tempo, nós somos invadidos pela comunicação vazia por um lado, e por objetos que caem de um outro discurso, por outro. Isto é uma experiência que cada um faz do inconsciente. Como separar o discurso generalizado da comunicação entre os homens, de um lado, e o Estado, de outro? Não se sabe. Ninguém jamais conseguiu.

Em compensação, se assistirmos por um tempo suficiente uma telenovela ou uma série americana, *Sex and the city*, por exemplo, podemos aprender a falar como as personagens. Se você é um homem, aprende a falar como os homens, se você é uma mulher, aprende a falar como uma mulher. Em seguida, quando você se encontra com alguém, pode continuar a falar deste modo. E você pode ter a ideia de que fala como todo mundo, com o discurso da civilização. De um lado, há esta grande indústria da palavra, um tipo de terapia comportamental geral para aprender a se comportar como todo mundo. De outro lado, os objetos fascinantes se propõem inversos, pois são *dessurgimentos* pontuais deste outro discurso propostos a todos. E, no entanto, nossa civilização é perfeitamente atravessada por experiências multifacetadas deste outro discurso que nos atravessa ininterruptamente.

F. R.: O senhor termina o artigo "A sociedade do sintoma" com a frase: "A ética da psicanálise é a de uma sociedade do sintoma". Como o senhor pode explicar resumidamente esta frase para as pessoas que não conhecem a psicanálise?

Éric Laurent: A civilização elaborou sua moral a partir do universal de Kant - você deve fazer *isto* em todos os casos -, e da moral utilitarista, que diz que a moral não é de modo algum universal, mas, simplesmente, o que proporciona felicidade ao maior número de pessoas. São as duas grandes morais da civilização. A psicanálise, ao contrário, diz: "a sua moral é agir não como todo mundo, não como a maioria, não como se estivesse nas novelas televisivas, não como o universal abstrato, mas como você, segundo a sua história, às suas micro identificações, a sua via própria. Não em direção à felicidade, mas em direção ao seu próprio desejo". Esta é a via de seu fantasma e de seu sintoma; é a sua via. É evidente que você deve dar conta de toda a sociedade. Pois não se trata de ser cínico e nem de estar isolado da sociedade: você deve dar conta do mundo tal como ele é, e, justamente, atravessar as miragens da civilização, "as mentiras da civilização", como dizia Freud. É preciso tê-las atravessado num caminho que conduz em direção às próprias micro identificações.

F. R.: O que a arte pode ensinar à psicanálise?

Éric Laurent: Muito. O artista é precisamente aquele que não cede em sua particularidade. A civilização, em outras épocas, podia conhecer o modo de vida aristocrático e o seu ponto de vista, que é o de não considerar a maioria, mas a sua própria particularidade. Na nobreza francesa se dizia "o ponto de honra". Não se pode ceder aí. Com a Revolução Francesa, o ponto de vista se tornou democrático, pois cada um deve ceder à sua particularidade para considerar a vontade geral, a igualdade de todos. O que supõe o abandono da particularidade. Esta tensão no

regime democrático foi muito bem vista por Tocqueville, que pensou de uma maneira muito lúcida o novo mundo democrático que via surgir ao mesmo tempo na França e nos EUA. Notamos bem esta tensão entre o princípio aristocrático e o princípio democrático, sempre em luta. O artista é aquele que, no mundo democrático, não cede em sua particularidade. O mundo que ele constrói, os objetos que ele inventa, a arte que ele realiza é o que ele tem de mais particular. E o que o psicanalista aprende com a arte é que há elos muito estreitos entre o caminho que ele toma e o caminho que toma o artista para não ceder. A diferença entre os dois é que o psicanalista não produz obras. O artista só é artista se ele produz uma obra, um objeto. Este objeto pode ser desmaterializado, mas é preciso, com efeito, um objeto. Este objeto que é muito conceitual na arte conceitual, pode ser, ao contrário, extremamente sensorial. A experiência artística trabalha com esta diversidade. Mas há, da parte da psicanálise, uma desmaterialização fundamental, que é uma desmaterialização de todo objeto comum para fazer aparecer um real particular, esta outra linguagem, esta linguagem selvagem da angústia que atravessa a todos e que está antes de todo objeto possível. A experiência da psicanálise deve poder desenhar isso, este mundo anterior a todo o objeto.

F. R.: A psicanálise está em crise? Há um lugar para a psicanálise? Qual?

Éric Laurent: A psicanálise está em crise desde sempre. A única dignidade da psicanálise é estar em crise desde sempre. É um discurso de crise, se tomamos crise no sentido de uma escolha constante que remete às escolhas mais fundamentais de cada um. Não é um discurso de conformismo, de conforto, de tranquilidade. Quando alguém vai ver um psicanalista, é porque não atravessa um período tranquilo.

O epistemólogo Kuhn distinguia na ciência os períodos em que havia paradigmas comuns, admitidos, e os momentos de crise, de ruptura. Podemos dizer que a psicanálise não é um discurso de conformização, de paradigmas comuns. Ela deve tentar levar cada um a seu momento de crise fundamental, àquilo pelo qual veio ver um psicanalista. E deve igualmente tentar lembrar a civilização daquilo que ela esquece atrás dos paradigmas comuns, de seu conforto de sonhos, de eliminação dos maus hábitos, dos maus comportamentos, para, enfim, atingir um mundo de paraíso sobre a terra.

A psicanálise pode levar ao ponto de crise, deve tirar de todos seus traços da pulsão de morte. Pois bem, se quisermos admitir que a psicanálise é um discurso de tempo de crise, nós estamos justamente atravessando a maior crise desde 1929, na qual se revela a mentira da civilização que nos dizia que tudo estava em ordem, que não precisávamos nos inquietar, que havia governantes sábios que cuidavam de todos, que os mercados permitiriam uma aposentadoria feliz. São momentos nos quais a angústia nos atravessa e nos remete a escolhas, a saber o que nós queremos do mundo que vem. Nós vemos o retorno dos Estados no mercado, o retorno da política no meio da política das coisas que deveriam regular o mercado.

O que queremos para amanhã? Esta questão se torna mais aguda, e à medida que ela se torna mais aguda, o discurso do psicanalista é aquele que justamente remete cada um à sua crise pessoal. O que você quer para amanhã? Não somente no hedonismo, não somente "eu quero simplesmente mais felicidade tranquila ou mais gozo". Não, o que você quer para amanhã na sua vida fora da conformização geral? Creio que esta é a questão do século XXI porque haverá avanços da ciência. O século XX foi o século da física, o século XXI o da biologia, do saber sobre o corpo, da previsão genética. Isso nos remeterá a questões profundas para cada um a

respeito de sua relação consigo mesmo, não enquanto um ser abstrato, mas enquanto atravessado por suas experiências de gozo, suas experiências corporais, seus sonhos, suas angústias, às quais a biologia propõe, e proporá sempre mais, uma articulação. Ela será sempre contraditória, dialética, jamais unívoca.

Será sempre mais necessário ter um discurso que permita se orientar nesse novo panorama. O século XXI será apaixonante, sem dúvida tão terrível - à sua maneira - quanto os que vieram antes, mas visivelmente de uma maneira nova. E será necessário estarmos atentos à novidade. Nós não sabemos ainda em qual ponto o século XXI vai ser novo. E então será preciso que a psicanálise ajude a compreender a novidade.

F. R.; O que o senhor pensa da psicanálise na América Latina? Há um futuro para a psicanálise nesse continente? Articulando a essa questão: o que o senhor pensa do fenômeno da violência nesse continente?

Éric Laurent: A violência está presente em todo lugar, mas está presente na América Latina de uma maneira particular. Bem, a violência nos EUA está presente em todo lugar, no Oriente Médio também, e na Europa igualmente. Mas em cada caso de uma maneira particular. O que torna a manifestação da violência diferente na América Latina é a natureza, a particularidade da história política de suas sociedades. O Brasil é um dos países mais violentos do mundo. A Argentina também conheceu violências, e, no entanto, são violências distintas. A experiência das ditaduras militares não foi a mesma nos dois países. O processo argentino foi diferente daquele que houve no Brasil. Assim como há violências diferentes na Bolívia, no Chile. Enfim, é preciso dizer a América Latina no plural. Em todo caso, creio que há algo nessa relação com a pulsão de morte que faz com que as Américas Latinas não se satisfaçam com o discurso positivista ou cientificista, com

uma felicidade positiva. Eu sei o quanto o Brasil deve ao positivismo de Comte, mas há muitos sintomas sociais que são um obstáculo, digamos, à ingenuidade positivista. O que faz com que as Américas Latinas estejam abertas de uma maneira particular para algo além de um cientificismo redutor. Há, por exemplo, um extraordinário dinamismo da crença na América Latina. É certo que o evangelismo tem muitas vertentes e especificidades, mas há em todos um traço comum que é o retorno da crença com vigor, com essa juventude particular. E há também discursos que não são religiosos, mas que desconfiam do cientificismo positivista, como a psicanálise. Eu creio na força da psicanálise nas Américas Latinas, porque são lugares onde ela é mais viva, inventiva e, digamos, mais atenta às realidades de suas sociedades.

É preciso distinguir entre as manifestações terríveis da pulsão de morte, o que faz com que os psicanalistas sul-americanos, em sua diversidade, tenham um objeto de preocupação, de estudos, que traz à tona toda a força das contribuições da psicanálise latino-americana. A psicanálise é extremamente viva no Brasil e em outros países. Ela tem demandas de recursos e reinvenções remarcáveis que serão sempre demonstradas. A civilização precisa da psicanálise.

¹ Entrevista realizada em Paris, em outubro de 2008. A publicamos aqui sob o título de **"Os efeitos da psicanálise no tecido da civilização"** devido à constatação de que as considerações que Éric Laurent apresentou e discutiu na ocasião são ainda muito pertinentes nove anos depois.

² Correspondente da Escola Brasileira de Psicanálise - Seção São Paulo.